

Brasil e Caribe: sobre identidades e identificações¹

Victor José Caglioni²

Resumo

Partindo da situação cotidiana do Brasil, em geral, nunca foi comum ouvir notícias ou compartilhar semelhanças e diferenças com os demais países da América Latina. Essa “distância” social torna-se ainda mais longa quando se trata de situar o Caribe. No entanto, o fato de todos os países latino-americanos terem sido colônia de algum país metrópole do Norte e terem tido regimes de escravidão, traça algumas semelhanças históricas e culturais, tais como o *bregar* porto-riquenho e o *jeitinho brasileiro*. Uma das principais questões de reflexão sobre as culturas das ex-colônias latino-americanas, a “identidade” não está totalmente fechada em alguns pontos específicos e essenciais, pois é vasta e sofreu/sofre muitas modificações ao longo da história de cada nação, sobre essas premissas é possível identificarmos um movimento de autogestão cultural e o sentimento de pertencer a um lugar, a uma nação.

Palavras-chave: Cultura. Poder. Caribe. Brasil. Políticas culturais.

Brasil y Caribe: acerca de las identidades y identificaciones

Resumen

De la situación cotidiana de Brasil, en general, nunca ha sido común escuchar noticias, o compartir similitudes y diferencias con otros países de América Latina, esta "distancia" social se vuelve aún más que el físico, cuando se trata del Caribe. Sin embargo, el hecho de que todos los países de América Latina han sido una colonia de la metrópoli del norte, que han tenido la esclavitud, sin duda se extraen algunas similitudes históricas y culturales, tales como “bregar” de Puerto Rico y el *jeitinho brasileiro*. Uno de los temas clave para reflexionar sobre las culturas de las antiguas colonias de Latinoamérica, la identidad no está completamente cerrada en algunos puntos específicos y esenciales, ya que es muy amplio y sufrido / sufre muchos cambios a lo largo de la historia de cada nación, y en estos supuestos, es posible identificar un movimiento del sentimiento de auto-gestión cultural de pertenencia a un lugar, una nación.

Palabras Clave: Cultura. Poder. Caribe. Brasil. Políticas culturales.

Brazil and The Caribbean: about identities and identifications

Abstract

¹ Este trabalho foi coordenado pela professora Dr. Mareia Quintero Rivera, da Universidad de Puerto Rico.

² Victor José Caglioni é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Regional de Blumenau-S.C Brasil. Pós-graduado em Pedagogia de las diferencias pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (sede Argentina). Atualmente é mestrando pelo Instituto de Altos Estudios Sociales da Universidad Nacional General San Martín, na Cidade Autónoma de Buenos Aires. Tem elegido como temas de interesse, de militância e academia, questões relacionadas com tecnologia, soberania, diplomacia, educação e cultura relacionando-os diretamente entre si. Correio eletrônico: victorcaglioni@gmail.com.

In general, in Brazil, it has never been usual to hear news about, or share similarities and differences with, other countries of Latin America. This social "distance" becomes even longer than the physical one when it refers to the Caribbean. However, the fact that all Latin American countries have been colony of metropolis of north, they have had slavery, definitely draws some historical and cultural similarities, as *bregar*, in Puerto Rico and *jeitinho brasileiro*, in Brazil. One of the key issues to aid the reflection over the cultures of former Latin American colonies, identity is not an issue totally closed in some specificities. It is essential as it is wide and relates to many changes which took place throughout the history of every nation. Taking these assumptions as basis, it is possible to identify a movement of self-management and cultural feeling of belonging to a place, to a nation.

Keywords: Culture. Power. The Caribbean. Brazil. Cultural policies.

Introdução

Todos que iniciam um trabalho com assuntos relativos à cultura têm a responsabilidade de realizá-lo sob uma análise criteriosa e, de preferência, com vivências na realidade a que se remete. Não é por acaso que os antropólogos e alguns sociólogos realizam verdadeiras missões a campo a fim de captar “técnicas sociais” escondidas nas entrelinhas do cotidiano do ser humano.

Neste sentido, este trabalho reflete sobre as culturas encontradas no Brasil e no Caribe, concentrando-se em pontos importantes do imaginário das identidades construídas nessas sociedades, assim como em suas semelhanças, apesar das distâncias impostas geográfica e ideologicamente. Propõe, também, trazer ao debate intelectual a aproximação de sociedades que caminharam por diferentes estradas, mas que vivenciam semelhanças pouco reconhecidas. Esta reflexão tem como base referencial a bibliografia proposta no curso “Teorías sobre Cultura y poder: pensamiento caribeño y políticas culturales” ofertado pelo Instituto de Altos Estudios Sociales, da Universidad Nacional General San Martín, Argentina.

Identidade e identificações

No Brasil nunca foi comum ouvir notícias ou compartilhar semelhanças e diferenças com os demais países da América Latina. Às vezes, podia-se ter uma falsa noção de que sequer fazíamos parte desse bloco, tamanha a aproximação, dependência econômica e cultural mantida por séculos com os Estados Unidos e alguns países europeus. Será que a distância midiática, chamada de cultural – e atribuída à dependência mencionada – revela identidades

tão avessas entre si? A mestiçagem, um efeito tipicamente latino americano, provoca essa distância ou possibilita encurtá-la?

Em geral, no dia-a-dia da população, especialmente nas décadas de oitenta e noventa, estávamos mais perto do que se passava em territórios do Norte, do que nos países vizinhos, principalmente devido às pautas de destaque da mídia tradicional nos assuntos internacionais. Inclusive, é perfeitamente possível – mesmo nos dias atuais – encontrar nas ruas brasileiras quem saiba falar alguma coisa sobre a Itália, Portugal, Inglaterra e França, e não faça a mínima ideia de onde ficam e quais são os países limítrofes com o Brasil, por exemplo.

Com o recente fortalecimento do Mercosul – após duas décadas de criação, tratados, parcerias jurídicas e econômicas visam encurtar essa distância social e tem havido avanços significativos. Um novo ordenamento social e econômico mundial também possibilita um novo olhar sobre a região, o que exalta sua diversidade e identidade. Entretanto, essa distância social torna-se ainda maior que a geográfica quando se trata de situar o Caribe. Não é raro ouvir que são lindas as ilhas paradisíacas. Fora isso, pouco ou nada é sabido a respeito da região, o que apenas confirma sua imagem turística, propagandeada em todo o mundo. Talvez em relação a Cuba ou Jamaica seja possível ter uma noção maior, porém é difícil encontrar quem saiba responder até mesmo onde se situam.

Com o envio de tropas militares brasileiras ao Haiti, em 2010 – por mais difícil que seja para os intelectuais acreditarem – matérias jornalísticas de televisão, jornais e revistas procuraram explicar que o Haiti não se tratava de uma ilha africana e sim de uma ilha caribenha, indicando com ilustrações em mapas mundiais a ilha com pontos vermelhos.

O Haiti foi o primeiro país da região a conquistar sua independência através da revolução de seu povo – majoritariamente afrodescendente. Sobre esta revolução, quase não era possível encontrar relações diretas com o Brasil. No entanto, o Haiti estava recebendo tropas de um dos últimos países a decretar o fim da escravidão: Neste momento negros e mulatos do Brasil começam a ser reconhecidos como de fundamental presença na história, conquistando novos, merecidos e mais intensos lugares na política e nas artes brasileiras – ainda que perdurem distâncias sociais difíceis de serem combatidas.

De fato, depois da eleição de um presidente de origem humilde, vindo da região mais empobrecida do país, sindicalista e afrodescendente, ficaria praticamente inviável que não houvesse mudanças na sociedade. Aliás, mudanças que proveem de antes disso, até porque sempre se tratou de uma candidatura desprezada pelos grandes meios e por setores conservadores que, contudo, quebrou recordes mundiais de votos. Trata-se de um caso

perfeito para ilustrar o que Casimir (2008) nos colocava sobre estudos e análises (intelectual e midiática) que tendiam a afirmar que o negro brasileiro era possuidor de “carências materiais e morais”, “infantil”, e “incapaz” de produzir mudanças em sua própria sociedade.

Hoje, certamente, existe a formação de uma classe média afrodescendente no Brasil, mais intelectualizada em sua participação política, econômica e, sobretudo, nas artes. É claro que as mudanças na sociedade brasileira não provêm unicamente dos afrodescendentes, e sim de um coletivo maior. Porém, de forma alguma isso significa que o racismo e a sociedade brasileira estejam perto do tratamento igualitário idealizado por convenções da ONU. Entretanto, isso esboça que no mesmo momento em que se produziam mudanças significativas no Brasil, o país enviava tropas militares ao Haiti.

Esta situação permeou interesses e dúvidas em parte da sociedade brasileira, em especial entre intelectuais e alguns grupos políticos, sobre do que se tratava exatamente quando o país Haiti era mencionado. Divergências surgiram sobre o por quê da presença militar brasileira naquele país. Não seria essa situação uma nova espécie de “colonização regional” por parte do Brasil? Simultaneamente essas dúvidas foram se estendendo para toda a região como, por exemplo, questionava-se sobre o que se passava com o regime de Cuba, anos depois do “afastamento” oficial de Fidel Castro? Ou, ainda, qual era a situação da Jamaica, terra do *reggae* – um ritmo que naquele momento voltava a fazer parte da área musical brasileira com novos grupos de sucesso.

Perguntas que ecoavam sobre a região, que refletiam uma espécie de estranhamento. Não que estes fossem temas totalmente relevantes na academia e na sociedade, mas, como eram abordados pela mídia, repercutiam através de uma curiosidade extra sobre o Caribe.

O fato de todos os países latino-americanos terem sido colônia de algum país metrópole do norte e tido regimes de escravidão, definitivamente traça algumas semelhanças históricas e culturais que põem em questão como estes criaram suas identidades enquanto nações.

Ao analisar brevemente a situação das Ilhas Caribenhas, algumas ainda colônias – de fato ou jurídicas – e a mudança em alguns aspectos na política brasileira, que parte da ideia de se recolocar frente ao mundo com uma maior independência, ilustra muito bem o que Díaz Quiñones (*apud* Ashis Nandy, 2006, p. 322) afirmava sobre o colonialismo ser uma experiência “íntima” e que, de certa forma, também se tornou um “inimigo íntimo”, com o qual todas as sociedades latinas se deparam constantemente, pelo exercício das formas de poder e de saber.

Nos últimos anos se produziram aparatos acadêmicos (reformulados, pois há muito tempo que a academia já se mostrava crítica, porém menos atuante) e políticos que desmistificavam os conceitos de Casa Grande e Senzala. O ideário traçado por Gilberto Freyre sobre o Brasil e o convívio pacífico entre afrodescendentes e descendentes europeus finalmente era mostrado como não sendo uma realidade concreta. Afinal, este era um estudo, como afirma Díaz Quiñones (2006, p. 323), que tratava de “um processo imaginário que visava '*nombrar*'³ uma realidade nacional” e que passava por construir ideários de instituições, de projetos, de transformações e de resistência a mudanças. Entretanto, a criação do imaginário intelectual – cultural a que este autor se refere, se mostrava presente em ambas as sociedades.

No caso do Haiti, quem era letrado possuía um saber que lhes dava acesso ao poder, circunstâncias que fabricavam uma condição de diferenciação entre classes. Como tão bem argumentou Trouillot (1995,p.56) em seu texto “As três faces de San Souci”, houve o intento, bem sucedido, por parte da elite letrada no francês, em silenciar o que foi a revolução da independência do Haiti, além de manter o *status quo*.

No Brasil – apesar das mudanças significativas da qual falamos anteriormente – ainda há setores e regiões em que essa prática saber-poder é muito comum. As distâncias culturais e de letramento sempre foram grandes pilares que sustentam a sociedade brasileira desigual – assim como a haitiana –, fazendo uso da exclusão do acesso adequado ao mundo letrado, uma temática importante na divisão social de classe, entre eles os 'critérios' definidos na cor da pele. Esta é uma semelhança importante para pensarmos que tipo de identidade foi se formando nesses países, ainda que seja uma questão complexa e polêmica.

Um dos cordões umbilicais dessa relação saber-poder latino-americana torna-se mais visível ao refletirmos sobre a fabricação de um imaginário intelectual da cultura, ao qual se refere Díaz Quiñones como eixo central de sua obra “Sobre los principios: Los intelectuales caribeños y la tradición” (2006). É perfeitamente possível perceber que tais práticas intelectuais aconteceram em quase todos os países latino-americanos, inclusive em Cuba - que mantém um regime que se sustenta de forma bem distinta do Brasil ou das demais ilhas do Caribe, mas que também possui seus instrumentos de fabricação social, especialmente no que se refere a resistir a mudanças, embora essas sejam de outro viés.

Nos últimos dez anos, como ilustra Rojas (2006, p. 386), houve um interesse maior por parte dos historiadores e demais intelectuais cubanos sobre o período denominado “páginas em branco” da Revolução Cubana. Estas investigações têm encontrado grande resistência por

³ *Nombrar*: Nomear, designar, traçar rumos, dar novo sentido.

parte do regime, que mantém sua versão de nacionalismo revolucionário, mesmo sendo de conhecimento geral que apenas recentemente foram propostas alterações – apesar das mudanças no cenário político e ideológico em nível mundial, nos últimos vinte anos. Não é possível aqui fazer menções apropriadas a Cuba, porque desconhecemos sua realidade, mas ao seguir essa linha nacionalista, consideramos que o regime tende a receber críticas como a que apontava Rojas (*apud* Bobbio, 2006). No pensamento liberal, o nacionalismo não é um substrato ideológico à construção democrática.

É possível pensar que muitas ditaduras sustentaram a bandeira do nacionalismo, ainda aquelas que nada tinham de compromisso com seus países e formaram governos sangrentos. Contrapondo as informações que chegam do regime de Cuba, este parece não ser densamente violento em comparação às “ditaduras latino-americanas”, às quais os pensadores liberais costumam fazer comparações de proximidade. Entretanto, o regime possui suas controvérsias contra cubanos que desejam/necessitam sair do país, por quaisquer motivos. Talvez sejam essas controvérsias uma das maiores dificuldades para a formação de ações pró-nacionalistas para significativa parcela das sociedades latino-americanas remanescentes de regimes ditatoriais, e rodeadas de discursos pró-globalização. Onde o poder não é distribuído como proposto, mas exercido pelos já possuidores do mesmo. Ou seja, o nacionalismo ficou marcado para parte dessas sociedades como algo ligado à ditadura, para a qual sabemos não ser uma condição prévia.

No Brasil é possível perceber, especialmente na classe média, com raras exceções, certo repúdio a atos políticos proclamados em nome do nacionalismo, o que reforça a reflexão de Rojas (*apud* Rusconi, 2006), segundo a qual possuímos, como na Itália, uma espécie de nacionalismo tardio, romântico, ligado a uma moral cívica e patriótica fascista. As eleições presidenciais brasileiras de 2010 demonstraram, nas campanhas da oposição liberal, como o nacionalismo é narrado como uma forma de ditadura, de um suposto extremo controle da vida privada e da economia pelo Estado; ou, de forma contrária, como um nacionalismo preconceituoso e atrelado a um modelo europeizado de nação, defendido como soberania intelectual e progresso. Estas posições são expressões de uma suposta impossibilidade de governar articulando ideais nacionalistas em uma democracia.

Quando se pensa em uma democracia nacionalista, em uma sociedade capitalista, há uma tendência em pensar a criação de uma classe capaz de fazer valer os interesses nacionais perante outras nações e promover transformações econômicas e sociais no seu país. Segundo Rodriguez Juliá, em reflexão ao que disse José Luis González (2002, p. 7), a ausência de uma

burguesia nacional seria o motivo pelo qual Porto Rico, em relação às Antilhas Maiores, não havia conquistado a independência.

É importante assinalar que nem sempre setores da elite constituíram uma “elite abrangente”, a considerar que, por anos, o Brasil também teve setores elitistas que não almejavam certa autonomia frente a outros países. Aliás, poucos são os países que alcançam certa autonomia. Atualmente, passa pela política pública brasileira a intenção/projeção da criação de uma nova classe média e burguesa, voltada ao gerenciamento de capital na forma nacional. No entanto, isso não exclui a existência de discordantes dessa política, e tampouco é garantia de que os que estão no poder permaneçam vinculados a essa lógica de administração de capital nacional.

Acreditamos que todos os países independentes do Caribe também possuem suas elites, ainda que não necessariamente nacionais. A ilha de Porto Rico não é uma exceção. Porém, apesar de ser um estado membro dos Estados Unidos, sua não independência jurídica não significa falta de capacidade de existência de um sentimento nacionalista.

Esta relação controversa indica a formação de um imaginário nacional, mencionada por Rodriguez Juliá (2002, p. 19), sobre a descrição do sentimento de nostalgia que sentem os porto-riquenhos ao saírem de sua ilha natal e da sua “*pobre interagración al mundo norteamericano*”, quando os mesmos já se encontram migrados nos EUA; ou, ainda, quando se diferenciam por *chistes* – inclusive sob formas preconceituosas – em relação aos imigrantes dominicanos na própria ilha de origem. Estes são indicativos de que Porto Rico possui um ideário de identidade nacional, não atrelado ao estadunidense, embora sejam reconhecidos como tal. Outra situação é a da Ilha de Guadalupe, atrelada ao território francês, onde seus habitantes se comportam, ou assim proclamam, como franceses, segundo analisa Yarimar Bonilla em sua obra “Guadeloupe is ours” (2010). No Brasil, existem regiões onde se propaga um ideal de identidade – baseado em culturas europeias da mesma forma semelhante a que se encontra em Guadalupe⁴ – embora seja perfeitamente discutível a intensidade de sua aproximação com as matrizes ideárias europeias.

Há sociedades em países oficialmente independentes que permanecem regidas praticamente como colônias. Estas heranças coloniais estão presentes em regiões brasileiras específicas e em algumas ilhas caribenhas, compartilhando semelhanças entre dependência direta e um intento de autogestão local.

⁴ Blumenau, Estado de Santa Catarina é um exemplo de cidade que através de uma cultura germânica, mantém tradições, instituições e uma vasta rede de turismo, em nome de um suposto estilo europeu de vida. Mesmo que inseridos na cultura brasileira.

Esta é uma questão fundamental para refletir sobre se a Independência formal pode ser fortalecida pelo nacionalismo. É possível ter uma independência formal sem ter produzido o se pode chamar de identidade local que, ao menos, torna possível a criação de um ideal de independência política, cultural e econômica. Isto é, pode-se pensar que os processos de independência são distintos e às vezes sequer produzem identidades nacionais, podendo tardar anos para estas serem possíveis de identificação, ou existirem de fato.

Seguindo essa ideia de independência, para além da ordem jurídica, também o Haiti, como traça histórica e argumentativamente Michel-Rolph Trouillot, em toda sua obra “As Três Faces de Sans Souci” (1995), foi um dos países pioneiros com relação à independência formal, resultado não de uma burguesia nacional, mas de uma luta dos explorados frente à Metrópole Francesa que, no entanto, manteve o *status quo* dos brancos de língua francesa escrita e de fala culta até os dias atuais.

Em contraponto a essa lógica, temos a independência do Brasil, realizada através de um acordo que incluiu multa (como se fosse um contrato rescindido!) entre partes da Família Real Portuguesa, que passou a ser também Família Real Brasileira por alguns anos. Assim, o Brasil teve sua independência, mas esta não passou pela burguesia nacional, nem pela luta de sua população⁵, mas pela aristocracia monárquica em situação política frágil na Europa Napoleônica.

Por esses argumentos, discordamos da afirmação de que a burguesia nacional é a base necessária para uma independência reconhecida pelos demais países. Ela pode até influenciar e requerer isso, mas não é uma regra definitiva, tampouco algo que possa criar um sentimento de identidade.

Curiosamente, o nacionalismo 'bom', como é narrado pela indústria cultural, tem sido apenas o compartilhado pelos latinos americanos, referente ao que provoca a identidade de ser ou não pertencente a um país com seus coletivos representativos – através do esporte ou de manifestações artísticas internacionais.

Pode-se perceber certa semelhança entre Porto Rico e demais Ilhas do Caribe com o Brasil, por exemplo, a respeito da figura do mulato já que neles ela é carregada de nacionalismo – simbolismo - identidade cultural, especialmente referente à virilidade sexual, força física, danças e outras manifestações artísticas. Em partes do Brasil, assim como em

⁵ É preciso deixar claro que houve grandes conflitos por independência no Brasil, especialmente no estado de Minas Gerais e nas regiões Nordeste e Sul do país, mas embora importantes e históricas lutas, estas não resultaram efetivamente na independência destes territórios.

ideias que se perpetuam no Caribe, a figura do mulato é tomada como sendo um representante da identidade nacional.

Assim como também existe a ideia de que o *criollo* representa a história, se não do país no caso brasileiro, mas de algumas regiões (em especial norte, nordeste e centro-oeste). Rodriguez Juliá (2002, p. 15,) nos coloca pontos da literatura caribenha, referente a Porto Rico, em relação ao resgate do passado, *recuperación del país natal*, que passou diretamente pela figura do *criollo*. Segundo essa narrativa, este é mescla de muitos tipos de culturas e cores e, portanto, é quem realmente pode representar uma identidade da população. No Brasil, em especial nas obras de Jorge Amado, também se encontra menção à figura do mulato e suas características afrodescendentes mescladas com europeísmos, como representantes da cultura nacional e de recuperação de uma identidade nacional.

Porém, como aponta Casimir (2008), a mestiçagem tem sido usada pelos setores dominantes para traçar variáveis importantes na divisão de classe, ou seja, na divisão social do trabalho, em que alguns setores são mais explorados e oprimidos que outros em função de pequenas diferenças que são determinadas e perpetuadas pela maioria daqueles que “acendem na escala de coloração de pele”.

As Ilhas Caribenhas possuem suas diferenças, e há lugares em que a figura do mulato não necessariamente condiz com a maioria da população, às vezes pelo fenótipo, às vezes pela cultura com a qual tendem a se associar. O mesmo se pode perceber no Brasil. Ou seja, o que se está trazendo à tona é uma das principais questões de reflexão sobre as culturas das ex-colônias latino-americanas, a identidade que não está totalmente fechada em alguns pontos específicos e essenciais e que é vasta e sofreu/sofre muitas modificações ao longo da história de cada nação.

Exemplo deste contexto é a narrativa pessoal de Stuart Hall em sua obra *Negociando identidades caribeñas* (2010), sobre sua história como jamaicano: educado por sua família na cultura inglesa de base vitoriana, estudou na Inglaterra e quando voltou ao seu país o encontrou numa cultura em transformação, de reavaliação das características afrodescendentes, em processo de criação de novas características de identidade, com o surgimento do movimento *rastafari* e do *reggae*, que desde então tem sido características conhecidas mundo afora em relação à Jamaica.

Mesmo que as identidades, em especial nos países que são colônias e ex-colônias, remetem-se a metrópole, essas sociedades vão criando suas próprias características. Díaz Quiñones (*apud* Certeau, 2000, p. 37) indica que “cada sociedad tiene 'su cuerpo', igual que su

lengua, constituido por un sistema más o menos refinado de opciones entre un conjunto innumerable de posibilidades”.

Por mais que um povo passe a ser pertinentemente migratório, ele conserva sempre uma identidade com o lugar em que nasceu; bem verdade que existem casos que se dão na forma de desprezo - como é possível encontrar alguns cidadãos, de classe média e/ou grandes burgueses de países em desenvolvimento que idolatram outros países, e para lá se mudam, por motivos que geralmente estão repletos de clichês preconceituosos para com sua própria sociedade (*miamización* da burguesia latino americana, por exemplo). Ou em casos de filhos de migrantes que nasceram em outros países e que passam a conviver com o fato de possuírem uma mescla de identidades nacionais - às vezes uma delas é negada devido a circunstâncias desfavoráveis que lhes seriam impostas caso assumissem suas origens.

Um bom exemplo de que a identidade permanece, mesmo em povos migratórios, é dado por Rodriguez Juliá (2002, p. 19) sobre os porto-riquenhos, quando narra que “no bien comenzamos a deshacer la maleta en tierras del norte ya estamos añorando la islita”. Como o autor refere, fica um sentimento de nostalgia. Isso leva a recordar alguns eventos, em todo mundo, de comunidades migratórias que visam trazer para próximo dos imigrantes alguns pontos de cultura de seus países de nascimento. Entre eles vale lembrar o *Brazilian Day*, um evento organizado em grandes capitais e que propicia o encontro dos imigrantes brasileiros que, da mesma forma que os porto-riquenhos, se remetem ao país natal, às vezes com sentimentos controversos, mas sempre de forma muito identificatória, pois 'alguma coisa' ainda permaneceu como parte de suas vidas. Embora a cultura que os identificam não seja vivenciada em seus cotidianos, se perpetua na forma do falar, nos trejeitos de seus corpos, em seu estilo de vida.

Como os imigrantes porto-riquenhos e suas *casitas* nos bairros de Bronx nos anos 1990 (FLORES, 1997, p.110). Ao se encontrarem e manterem uma casa, nos mesmos moldes das construções da ilha caribenha, eles podiam falar, comer, dançar, ouvir suas músicas com a liberdade e proximidade uns com os outros, como se estivessem ainda em Porto Rico.

Muitas vezes, algumas ações que são comuns em suas sociedades, são exatamente o que os caracteriza e traça a diferença de origem. Como exemplo, Díaz Quiñones (2000, p.21) narra, na situação dos porto-riquenhos, o que acontece com os diversos usos da palavra *bregar* e também com as inúmeras ações que daí derivam. Ou ainda, quando os brasileiros no exterior, percebem e são identificados pelo “jeitinho brasileiro” que, assim como o *bregar*, é

difícil de explicar aos não nativos dos países em questão, mas que todos entendem e identificam, caracterizando um coletivo e formando uma identidade.

Discutir o jeitinho brasileiro não é o objetivo deste trabalho⁶. No entanto, remetermos a uma das referências de *bregar* porto-riquenho descrita por Díaz Quiñones (2000, p. 23):

[...] un código, una ley no escrita que lleva a buscar un acuerdo, a pactar debidamente, sin perder la dignidad. Tiene su propia verdad. Cuando alguien brega bien, encuentra el camino, ordena las reglas de juego, restablece una atmosfera de confianza, mitiga el caos, él revolú, esa otra gran metáfora puertorriqueña. Sobre todo, logra, con discernimiento y auto control, evitar la violencia de la ruptura radical. En eso consiste gran parte de su atractivo: supone una trama de relaciones en que predomine la voluntad de cumplir lo prometido, de introducir un poco de aire fresco, de humanizar los mecanismos del poder y preservar un orden evitando las confrontaciones.

Mesmo na política essas características podem identificar aqueles que têm relações muito fortes com seus países. Neste caso, lembramos o ex-presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva, que com o jeitinho brasileiro característico, em sua política interna e externa, conseguiu fazer muitas coisas através dos mecanismos já existentes. Característica essa que nos coloca frente a frente com o *bregar* porto-riquenho.

É claro que não estamos afirmando que se trata de uma mesma perspectiva, é fato que existem muitas diferenças entre o *bregar* e o jeitinho brasileiro, assim como entre ambas as sociedades. Porém, é inegável que em alguns casos estas culturas políticas características são, em sua natureza, semelhantes.

Se pode, então, concluir que nossas identidades latino-americanas (como as brasileiras e caribenhas em questão), mesmo sob constantes mudanças e influências externas, são capazes de existir e propiciar aos seus povos um lugar como qual possam se identificar e retornar física ou mentalmente, quando desejado.

Las historias van y vienen, los pueblos van y vienen, las situaciones cambian, pero en algún lugar, en el fondo, está latiendo la cultura a la que todos pertenecemos. Nos provee de una especie de terreno para nuestras identidades, algo a lo cual podemos regresar, algo sólido, algo fijo, algo estable, en torno a lo cual podemos organizar nuestras identidades y nuestro sentido de pertenencia. (HALL, 2010, p. 406).

Referências

BONILLA, Yarimar. Guadeloupe is ours. The Prefigurative Politics of the Mass Strike in the French Antilles. *Interventions*, v. 12, n. 1, 2010. p. 125-137.

⁶Ver a esse respeito: ABREU VIERA, Clóvis; LUSTOSA DA COSTA, Frederico; OLIVEIRA BARBOSA, Lázaro. *O jeitinho brasileiro como um recurso de poder*. Disponível em: <http://www.aec-tea.org/fabio/jeitinho.pdf>; e Da MATTA, Roberto; HESS, David J. *The Brazilian jeitinho: A exercise in the national identify*. New York: Columbia University Press, 1995.

CASIMIR, Jean. Cultura y Creación. *Worlds & Knowledges Otherwise*, fall, 2008. Disponible en: http://www.jhfc.duke.edu/wko/dossiers/1.3/documents/Casimir3wko2.3_000.pdf. Acceso em: 24 jun. 2012. p.3, 8.

DÍAZ QUIÑONES, Arcadio. Ramiro Guerra y Sánchez (1880-1970) y Antonio S. Pedreira (1898-1939): el enemigo íntimo. In: DÍAZ QUIÑONES, Arcadio. (Org.). *Sobre los principios: Los intelectuales caribeños y la tradición*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2006, p. 322-3.

DÍAZ QUIÑONES, Arcadio. De cómo y cuando bregar. In: DÍAZ QUIÑONES, Arcadio. (Org.). *El arte de bregar: ensayos*. San Juan: Ediciones Callejón, 2000, p.21-37.

FLORES, Juan. Salvación Casita: Un *performance* puertorriqueño y de arquitectura vernácula en el sur del Bronx. In: FLORES, Juan. (Org.). *La venganza de Cortijo y otros ensayos*. San Juan: Huracán, 1997.

HALL, Stuart. Negociando identidades caribeñas. In: RESTREPO, Eduardo; WALSH, Catherine; VICH, Victor (Eds.). *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Enviación / Instituto Pensar / Instituto de Estudios Peruanos / Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.

RODRÍGUEZ JULIÁ, Edgardo. *Caribeños*. San Juan, Instituto de Cultura Puertorriqueña, 2002.

ROJAS, Rafael. Memorias armadas. In: ROJAS, Rafael. *Tumbas sin sosiego: Revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano*. Barcelona: Anagrama, 2006.

TROUILLOT, Michel-Rolph. The Three Faces of Sans Souci. In: TROUILLOT, Michel-Rolph. (Org.). *Silencing the Past: power and the production of history*. Boston: Beacon Press, 1995. p.56.